

DOSSIÊ Ciência, Pandemia e Negacionismo

Dinâmica do capital e a saúde dos despossuídos: influências imediatas e mediadas

André Saldanha Goellner¹

Introdução

Na medida em que o “sujeito automático”² passa a comandar a produção da vida humana de maneira mais abrangente e profunda, necessária e evidentemente, as condições de trabalho são significativamente modificadas. Desde suas origens na Europa Ocidental dos séculos XVI e XVII a partir da evolução do comércio marítimo e da preponderância do capital comercial³, até o atingimento de considerável alcance na aurora do século XXI, há, então, diversas consequências sobre a população humana que decorrem do modo de produção capitalista.

Nos voltaremos a algumas dimensões em meio à infinidade de efeitos sobre nós dessa forma de organização socioeconômica, vinculadas a implicações mais e menos diretas, “*a partir da produção e reprodução do capital, junto à saúde da população de despossuídos de meios de produção*”⁴.

Na primeira parte de nosso texto, utilizaremos como exemplo principalmente as *condições de trabalho* de certas comunidades para ilustrar nosso argumento com relação às consequências diretas, mais imediatas, do processo produtivo capitalista junto à saúde dos produtores diretos. Ou seja, *condições determinadas pelo processo de acumulação*⁵ e influenciadas mais imediatamente por ele, mais íntimo da esfera produtiva.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal Fluminense (PPGE/UFF), Mestre em Economia pela Universidade Federal Fluminense (PPGE/UFF) e Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FCE/UFRGS). E-mail: andresaldanahgoellner@gmail.com

² Em referência e de acordo com termo utilizado por Marx para descrever o capital, categoria essencialmente dinâmica, que corresponde ao valor, ou dispêndio de força de trabalho humano indiferenciado, que se autovaloriza. MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013. E-book (não paginado), cap. 4.

³ RUBIN, Isaac I. *História do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014, p. 31.

⁴ Conforme Marx, meios de produção são mercadorias que, por sua forma, devem entrar no consumo produtivo (quando se cria mais-valor), ou pelo menos podem fazê-lo. MARX, op. cit., cap. 1 e 20.

⁵ Seguindo Marx, diz respeito à aplicação de mais-valor como capital, ou da reconversão de mais-valor em capital. O processo de circulação (D-M-D', dinheiro - mercadoria - mais dinheiro do que a quantia inicialmente mobilizada), quando ocorre de maneira bem sucedida, ou seja, quando o capitalista consegue vender suas mercadorias e reconverter em capital maior parcela do dinheiro obtido; e que, posteriormente, o capital percorra seu processo de circulação normalmente, é a acumulação de capital. MARX, op. cit., seção VII. Para Marx, no capitalismo, o produto do trabalho — a mercadoria — é caracterizado por, além de ser valor de uso (atender a certo fim, de acordo com sua forma), ser valor de uso para o outro (esse item produzido, deve

De forma mais indireta a esse processo, essa maneira – capitalista – de combinar os meios de produção e a força de trabalho também desencadeia consequências junto a saúde dos produtores. Em apoio à essa conjectura, na segunda parte deste trabalho articularemos situações vinculadas ao ramo alimentício, que se refletem em mercadorias dessa esfera e que, então *indiretamente à acumulação* – via consumo e *certos efeitos* – atuam sobre a saúde de parcela significativa dos produtores, nesse contexto, consumidores.

Portanto, muito embora ocorram variadas repercussões sobre a saúde dos trabalhadores a partir dos processos presididos pelo capital, na parte II nos voltaremos às *principais características nutricionais* de certas mercadorias desse setor que tem elevada importância, o dos alimentos ultraprocessados⁶. Produtos que adquirem determinados atributos em função do *contexto capitalista* no qual são desenvolvidos e levados à esfera do consumo. Questões como lucro, expansão da produção, processo concorrencial e Estado aparecerão como decisivos na configuração dessas mercadorias, portanto influenciando também *indiretamente* os corpos dos trabalhadores.

Parte I - Influências imediatas: Capital em operação em diferentes contextos e implicações mais diretas à saúde dos produtores

Não basta que as condições de trabalho apareçam num polo como capital e no outro como pessoas que não têm nada para vender, a não ser a sua força de trabalho.⁷ Tampouco basta obrigá-las a se venderem voluntariamente. No evoluir da produção capitalista desenvolve-se uma classe de trabalhadores que, por educação, tradição e hábito, reconhece as exigências desse modo de produção como leis naturais e evidentes por si mesmas.⁸

Ao longo do penúltimo capítulo do Livro I d'*O capital*, Marx ilustra os tempos primordiais do sistema capitalista. Como se deu a acumulação “primitiva”, antecedendo

ser útil para outro que não o seu produtor); esse produto também deve ter sua propriedade transferida pela troca. Idem, cap. 1. Marx esclarece que mais-valor é o incremento de valor podendo ser expresso por maior quantidade de dinheiro ante a inicialmente adiantada pelo capitalista no processo produtivo. Idem, cap. 4.

⁶ Formulações industriais fabricadas a partir de substâncias derivadas de alimentos e aditivos, possuindo quantidades mínimas de alimentos integrais. NERI, Daniela; MARTÍNEZ-STEELE, Eurídice; KHANDPUR, Neha; LEVY, Renata. Associations Between Ultra-processed Foods Consumption and Indicators of Adiposity in US Adolescents: Cross-Sectional Analysis of the 2011-2016 National Health and Nutrition Examination Survey. *Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics*, [S. l.], v. 122, n. 8, 2022, p. 1475.

⁷ Indo ao encontro de Marx, trata-se de fonte única e inequívoca de valor quando, juntamente com demais meios de produção, executa trabalho de forma produtiva e esse resultado se realiza na esfera da circulação. MARX, op. cit., cap. 4.

⁸ MARX, op. cit., cap. 24.

a acumulação capitalista, sendo seu ponto de partida⁹. Postas nossas intenções, resgataremos aqui somente algumas situações vinculadas ao nosso tema.

Desde suas origens, enquanto modo de produção nascente, se faz necessária a circunstância de que, por um lado existam os possuidores de meios de produção e subsistência (buscando valorizar dado montante de valor), e de outro, os vendedores de sua força de trabalho (que a vendem para sobrevivência). A partir desse encontro ocorre a sustentação do capital¹⁰ em seu movimento de autoexpansão infundável.

É a partir dessa junção irrevogável que transcorre enormidade de situações nas quais, concretamente, se dá a venda da mercadoria força de trabalho. Na grande diversidade de experiências as quais os despossuídos são submetidos, há um traço comum para nosso apontamento, o Estado enquanto regulador do salário¹¹, *a fim de que este fique dentro de limites que sejam adequados à valorização do valor*, aumentando a jornada de trabalho e mantendo o trabalhador em nível adequado de dependência¹². Estrutura que comparece de variadas formas e importâncias, algumas das quais nos voltaremos neste artigo.

Veremos essa instituição além de outras características capitalistas que rotineiramente comparecem no conflito de classe ao longo dos séculos em diferentes regiões do globo. Iniciamos com a localidade e o período de emergência do capitalismo.

Grã-Bretanha do passado

Ao nos voltarmos para a Inglaterra dos séculos XVII e XVIII temos, devido ao cercamento dos campos, piora da situação de vida dos estratos inferiores do povo, já que, de pequenos proprietários fundiários e arrendatários, eles passaram a ser proletários. Já no início do século XIX até mesmo as memórias da ligação entre lavradores e propriedades comunais havia se perdido¹³. Hoje, por caminhos muito variados e em níveis diversos, tratamos, via de regra, da situação fundamental dos despossuídos como natural e, além disto, como irrevogável¹⁴.

Em um ambiente de múltiplas transformações nas infraestruturas da Inglaterra, País de Gales e da Escócia do início do século XIX, ocorreram significativas mudanças também nas suas relações sociais. Como na Escócia, que teve alteração de populações voltadas ao contrabando e à caça, passando a serem agricultores e artesãos, ou na Inglaterra que, a partir da revolução industrial, tornou a conter grandes cidades

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Algumas outras funções dessa instituição no atual arranjo econômico serão abordadas mais à frente, bem como situações em que disputas emergem mesmo dentro de seus aparatos.

¹² MARX, op. cit., cap. 24.

¹³ Idem.

¹⁴ Neste breve resgate histórico não pretendemos dourar a situação dos trabalhadores da Europa medieval, sabidas as variadas e graves situações sub-humanas as quais eles eram submetidos, procuramos, no entanto, evidenciar certas perdas, principalmente sob o ponto de vista material, daqueles produtores em comparação com a classe proletária nascente.

industriais, adensadas por população com novos costumes e necessidades, povoadas pelo proletariado¹⁵.

Já observamos que o proletariado nasce com a introdução das máquinas. A veloz expansão da indústria determinou a demanda de mais braços; os salários aumentaram e, em consequência, batalhões de trabalhadores das regiões agrícolas emigraram para as cidades – a população cresceu rapidamente e quase todo o acréscimo ocorreu na classe dos proletários¹⁶.

Ou seja, o advento das máquinas desencadeou processos capazes de gerar populações de assalariados, uma massa de pessoas disponíveis para a venda de sua capacidade de trabalho. Ressaltamos que o aumento salarial ocorreu *em comparação* com seus ganhos fora da atividade fabril.

Devido ao caráter temporário de alternativa que existiu naquela região (a de um trabalhador tornar-se burguês, ao operar como mestre e contratar outras pessoas), que foi extinta em decorrência da superação dos mestres pela indústria, a classe proletária se torna, nesse sentido, *real e estável*. Em resumo, esses são alguns momentos basilares para a emergência da massa de operários, partindo do caso clássico da Grã-Bretanha¹⁷.

Notamos como o capital em sua dinâmica influencia decisivamente a formação dos centros urbanos. Por meio da sua tendência centralizadora que se manifesta na indústria, a população também se aglomera. A relação entre elas se dá pois *o ser humano é considerado parte do capital* que está à disposição do capitalista e, através do pagamento de um salário, este pode se utilizar do produtor. A grande indústria demanda muitos trabalhadores, que precisam, evidentemente, morar próximos. De uma grande estrutura fabril emerge uma vila de produtores¹⁸.

Um exemplo de aglomeração humana é o município de Manchester. Com seu centro que era composto quase totalmente por escritórios e armazéns, e seu entorno, por ruas estreitas e pouco ventiladas, onde se localizavam os bairros operários formados por casebres sujos, úmidos, sem mobília e que, mesmo não detendo qualquer conforto (também tendo sido construídos para lucro do construtor/proprietário, *i.e.*, com baixa durabilidade geral), consumiam parte significativa do rendimento dos produtores, tendo em vista o custo de seu aluguel em relação ao salário médio. Em situação oposta, as áreas com melhores habitações, mais ventiladas e afastadas do centro eram ocupadas pela burguesia¹⁹. Ou seja, assim como percebemos em variados centros urbanos do Brasil hoje, já naquelas formações citadinas inglesas as melhores áreas, com melhores habitações, pertenciam aos estratos mais altos da sociedade. Além disso, a não-propriedade das moradias dos assalariados também caracterizava o seu quadro miserável.

¹⁵ ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010. E-book (não paginado), introdução.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem, cap. O proletariado industrial.

¹⁹ Idem, cap. As grandes cidades.

Resumidamente, na Inglaterra do início do século XIX, os maiores aglomerados urbanos eram conformados por operários. Já emergia, naquele contexto, uma *sociedade atomizada* que refletia esse atributo na formação das cidades, povoamento no qual *é de responsabilidade de cada indivíduo a manutenção da sua existência e de sua família*. Seguindo a sociabilidade também nascente, *sem oferecer a cada indivíduo os meios para que se mantenha de maneira eficaz e permanente*. Cada detentor da força de trabalho obtinha, se empregado, seu salário que permitia uma sobrevivência diária mínima. Essa sobrevivência se dava, de forma geral, em um espaço reduzido, mal arejado, úmido, mal construído e dividido com toda sua família. Além da estrutura habitacional precária, os rendimentos permitiam um vestuário muito limitado, fazendo com que a maioria dos trabalhadores vivesse em farrapos. A comida sendo por vezes imprópria e/ou insuficiente. Mesmo havendo alguns grupos da classe operária em melhores condições materiais (com salário razoável, habitação decente etc.), *a média da situação da classe se aproximava de uma condição de miséria extrema*, ou seja, falta de um teto e o risco iminente de morte pela fome²⁰.

Considerando a dependência salarial inerente aos despossuídos e a natureza do capital, para além de moradias depauperadas e do acesso limitado a alimentos, temos algumas outras situações que se articulam com esses fatores, implicando, assim mais diretamente a partir da acumulação, a piora da saúde da população dessa classe.

Alguns traços da evolução técnica no capitalismo

Uma das situações diz respeito ao aumento da composição orgânica do capital (sob a ótica do valor, é a proporção da repartição do capital entre o valor dos meios de produção e o valor da força de trabalho). Ocorre que essa fração, que sob o ponto de vista da matéria, *i.e.*, entre meios de produção e força viva de trabalho (ou proporção entre a massa dos meios de produção utilizados e a quantia de trabalho necessária para seu uso), chamada de composição técnica do capital, influencia a demanda por força de trabalho *em comparação* com o capital ativo, o que, dentre outras questões, tem reflexos no preço da força de trabalho²¹. Isso, evidentemente, tem implicações mais diretas nas condições de saúde da classe trabalhadora já que *interfere no valor de sua mercadoria bem como na quantidade de pessoas empregadas*.

Acontece que esse aumento da composição do capital dá-se de forma muito acelerada no capitalismo. Por características próprias desse modo de produção, as revoluções técnicas do capital se dão em ritmo incomparavelmente maior. A acumulação produz de forma sistemática, *proporcionalmente ao volume de capital em ação*, população trabalhadora adicional *excedente*, sendo, portanto, supérflua para o volume que, em termos médios, é necessário para a valorização do capital²².

Sobre o melhoramento técnico, destaque-se que, ocorrendo em um outro tipo de socialização, ele *poderia* trazer benefícios para a população como um todo, tendo

²⁰ Idem.

²¹ MARX, op, cit, cap. 23.

²² Idem.

em vista a exigência de menor trabalho para o uso de maior quantidade de meios de produção (*i.e.*, maior produtividade). No entanto, em uma sociabilidade em que a competição domina essencialmente, os benefícios do progresso se direcionam para parcela restrita da população²³.

Em compasso com a perda de trabalho, a falta de garantia de meios eficazes para sustentação de si e familiares produz efeito de *esgotamento* sobre os trabalhadores, pois eles se encontram, em sua maioria, sempre em situação precária, insegura²⁴.

Melhoras nas condições de trabalho, já naquele período estudado por Engels, *se deram por reivindicações e a luta dos operários*, como a que tratou de lei que proibia menores de dezoito anos a trabalharem mais de dez horas diárias. Conquista obtida a partir de associações operárias, organizando a população trabalhadora em torno dessa demanda²⁵.

O Estado e a exploração

Retomando o papel do Estado na luta de classes, já na emergência do capitalismo ele configurava como uma das forças – juntamente com a propriedade – da burguesia. Instituição nascida e moldada tendo em vista o atendimento dos interesses desta classe²⁶.

Ao mesmo tempo que o Estado aparece como inconveniente para a burguesia, na medida em que, através dele, pode-se obter algum limite na exploração dos despossuídos, ele também é indispensável, pois é por meio de sua estrutura que a classe proprietária contém o proletariado. Ou seja, por um lado, figura como um limitador da exploração, sendo interessante aos proprietários afastá-lo de seus negócios, por outro, é necessário para conter o ímpeto da classe explorada²⁷.

Enquanto a classe dos despossuídos, por sua situação, trata de buscar sua sobrevivência, a burguesia opera em função do dinheiro, em tê-lo em cada vez maior montante. Esse seu interesse privado é que figura como pano de fundo, *operando em consonância com a lógica do capital*, na fundamental luta travada desde a emergência desse sistema. Se os operários estão ou não passando por situação de fome, é questão lateral, tendo em vista o imperativo do lucro. *Ações que não proporcionam ganho aos proprietários são classificadas como insensatas ou irrealistas*²⁸.

A realidade de exploração pela qual os despossuídos passam, além de suas condições gerais de vida, são similares para populações de Manchester, Londres, Birmingham entre outras. Populações atomizadas, com o egoísmo e a miséria reinando e que perfazem, assim, verdadeira guerra social na qual uma parcela minoritária detém a propriedade e a estrutura estatal a seu favor. Ocorre então que o peso da tragédia social recai sobre os desprovidos, pois mesmo se momentaneamente certo operário

²³ ENGELS, op. cit., cap. Os diferentes ramos da indústria: os operários fabris em sentido estrito.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem, cap. Os movimentos operários.

²⁷ Idem, cap. A atitude da burguesia em face do proletariado.

²⁸ Idem.

possui algo, *não depende dele sua conservação*, já que, seja por uma decisão do proprietário, seja por certa conjuntura, desenvolvimento técnico etc., ele pode ser jogado à miséria extrema²⁹.

Europa contemporânea

Ainda tendo como paisagem a Europa, mas mais proximamente, são documentadas situações difíceis pelas quais os trabalhadores atravessam. Há importantes diferenças tanto nas condições de trabalho quanto na satisfação com a vida entre as nações europeias. Sucede que, no entanto, as condições de vida são influenciadas também de forma importante pelas *condições de trabalho* e suas *percepções*. Questões que afetam positivamente essas sensações se relacionam com a remuneração e a autonomia no trabalho. No sentido negativo, o que influencia a compreensão sobre as condições de trabalho são a sua insegurança e monotonicidade. No entanto, destaque-se, *segurança no emprego* (estabilidade) e *remuneração* têm efeitos diretos mais perceptíveis e generalizados sobre a *satisfação*. Ou seja, *certo nível de estabilidade e renda mostra-se como uma condição fundamental para o bem-estar dos trabalhadores*³⁰.

A partir dessa percepção, vemos como a dinâmica imposta pelo capital, em seu aumento da composição orgânica, choca-se com uma sensível condição para a saúde dos produtores. Se, por um lado, a estabilidade no trabalho e bom nível salarial implicam em bem-estar, por outro, aquela dinâmica tende a provocar um excedente relativo de trabalhadores e rebaixamento de renda.

EUA e seus exemplos

Em estudos sobre a população dos EUA, consegue-se estabelecer relação entre *ciclos de negócio e taxas de suicídio*. Estas que tendem a aumentar durante períodos de recessão econômica e a recuar em épocas de expansão da economia³¹.

Suicídios decorrentes de situações externas (como oscilações do nível de atividade econômica) cometidos por pessoas entre 40 e 64 anos aumentaram de cerca de 33% em 2005 para 37,5% em 2010, com notável incremento após 2007 (crise do *subprime*)³².

Ainda em termos do mercado de trabalho estadunidense, após a Segunda Guerra Mundial houve crescimento econômico, combinado com outras características como considerável organização coletiva que levaram a certa estabilidade no emprego

²⁹ Idem, cap. As grandes cidades.

³⁰ DROBNIĆ, Sonia; BEHAM, Barbara; PRÄG, Patrick. Good Job, Good Life? Working Conditions and Quality of Life in Europe. *Social Indicators Research*, [S. l.], v. 99, 2010, p. 221.

³¹ HEMPSTEAD, Katherine A.; PHILLIPS, Julie A. Rising Suicide Among Adults Aged 40–64 Years: The Role of Job and Financial Circumstances. *American Journal of Preventive Medicine*, [S. l.], v. 48, n. 5, 2015, p. 491-492.

³² Idem, p. 496.

de período integral para homens brancos de classe média. No entanto, a partir da década de 1980, passaram a ocorrer mudanças significativas nesse quadro, como drásticas reestruturações das empresas, *dada desaceleração econômica*, transformando modelos organizacionais hierárquicos em modelos circulares, formados por núcleos de funcionários permanentes e camadas exteriores de trabalhadores contratados temporariamente³³.

Em 2018, por volta de 20% da força de trabalho dos EUA era composta por trabalhadores involuntários de meio período e em arranjos alternativos de trabalho. O que cresceu de forma significativa na década de 1990 e após 2007 foi o número de agências voltadas para o trabalho temporário, *sedimentando uma força de trabalho precária*³⁴.

Em compasso com os ciclos econômicos e com o desenvolvimento do capitalismo no planeta, outros fatores implicam precarização do trabalho nos EUA: a automação e a inteligência artificial. Há estimativas sugerindo que 45% das atividades laborais poderão ser automatizadas. Essa evolução tecnológica também permite a contratação de trabalhadores via plataformas *online* (Uber, YouTube, eBay etc.). Acontece que essas mudanças de tipo de trabalho (do permanente ao precário) restringem o acesso a benefícios, segurança no trabalho, estabilidade na renda e poder coletivo aos produtores³⁵.

Situação brasileira

Nos voltando para o Brasil corrente, primeiramente para a produção de cana-de-açúcar, mais especificamente a respeito das condições dos trabalhadores dessa atividade, temos, no que diz respeito ao corte manual, *implicações prejudiciais às suas articulações e coluna vertebral*. Isso ocorre pelos diversos e repetidos movimentos feitos ao longo do dia pelos produtores, como, considerando uma jornada de 8 horas, a realização de 3.080 flexões de coluna e de 3.500 a 14 mil golpes de facão. É feita uma caminhada entre 5,7 e 8,8 quilômetros, com uma carga de 15 quilos de cana. Esse esforço se traduz em uma produção de 7 a 20 toneladas a cada dia³⁶.

Sobre essa produção diária, há a prática de incentivos que ocorre, não exclusivamente, no ramo sucroalcooleiro, para que ela *auamente*. Um desses estímulos é o pagamento por produção, ou seja, o quanto cada trabalhador produz individualmente determina o montante recebido³⁷.

³³ ALLAN, Blake A.; AUTIN, Kelsey L.; WILKINS-YEL, Kerrie G. Precarious work in the 21st century: A psychological perspective. *Journal of Vocational Behavior*, [S. l.], v. 126, 2021, p. 6.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

³⁶ DA SILVA, Clécia Pereira; GUEDES, Clenio Azevedo; GURGEL, Aline do Monte; DA COSTA; Polyana Felipe Ferreira. Condições de trabalho no cultivo da cana-de-açúcar no Brasil e repercussões sobre a saúde dos canavieiros. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, [S. l.], v. 46, 2021, p. 4.

³⁷ Idem.

Há características que atravessam essa forma de pagamento, como o desconhecimento dos trabalhadores com relação à maneira pela qual se determinam os preços a serem pagos pela cana cortada, além da própria quantia produzida no dia³⁸.

Seja uma jornada de trabalho estendida, estando acima das 8 horas diárias (alcançando até 14h), seja a falta de intervalos intrajornada³⁹, a rotina dos trabalhadores desse ramo vai ao encontro da *expansão produtiva*, colocando em segundo plano questões de ordem física dos produtores.

Nesse ramo também é comum o não fornecimento de equipamentos de proteção individual, ou, quando se fornece, são inadequados, fora do prazo de validade e sem treinamento para sua utilização. O que os produtores geralmente fazem uso para sua proteção são roupas sobrepostas, como saias sobre calças compridas, luvas, lenços cobrindo o rosto, chapéus etc.⁴⁰

Como esperado, também nesse ramo, há o processo de mecanização, que diminui a quantia de postos de trabalho nas lavouras, principalmente no sudeste do país. Com o advento desses equipamentos, há o *aumento das sobrecargas psíquicas e fisiológicas* junto aos assalariados devido ao ritmo de trabalho imposto. Passando a haver escalas de plantão, turnos de 12h a 24h e imprevisão para as pausas intrajornadas. O ritmo, portanto, tende a ser contínuo, para o máximo aproveitamento do recurso empregado⁴¹.

O panorama geral dos trabalhadores desse setor apresenta notável precariedade, posto que, tomando como exemplo suas refeições, que não apresentam variedade, não sendo ricas em nutrientes, mas em gorduras, além de serem inadequadamente armazenadas⁴².

Toda essa situação, desde as jornadas exaustivas, passando pelos equipamentos de proteção insuficientes até alimentação precária resultam também em *óbito*. Isso, pois as principais razões de morte decorrente dessas atividades são: parada cardiorrespiratória, infarto do miocárdio, pancreatite, AVC e púrpura. Ademais, há a ocorrência de doenças infecciosas e parasitárias, como a esquistossomose, pneumonia e tuberculose⁴³.

Além do ritmo de trabalho aumentado, a mecanização também implica alteração no ambiente de trabalho dos produtores. Dado que as máquinas possuem limitação de tipo de terreno para sua operação, o corte da cana em terrenos acidentados e mais complexos fica por conta deles, o que tem potencial para aumentar a frequência de acidentes de trabalho⁴⁴.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem, p. 4-5.

⁴⁰ Idem, p. 5.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem, p. 6.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem, p. 8.

Com o advento de novas tecnologias, houve aumento da pressão por metas de produção, o que se refletiu na *intensificação do trabalho*. Jornadas extenuantes mesmo no corte mecanizado sugerem a ocorrência de acidentes, por vezes mais graves em decorrência do grau das lesões provocadas pelas máquinas. Em resumo, o uso de máquinas na produção não se expressou na diminuição da insalubridade ou da periculosidade, mas manteve alto o nível de desgaste dos trabalhadores⁴⁵.

No que tange aos vínculos empregatícios, em sua maioria são firmados através de *contratos temporários feitos por meio de empresas terceirizadas*. Esse tipo de contrato é escolhido pois incorre em menores encargos sociais aos proprietários, no entanto, também estabelece maior instabilidade e perda de direitos trabalhistas e previdenciários, além de compor baixos salários⁴⁶.

Em adição à situação precária dos trabalhadores terceirizados, há um contingente de pessoas trabalhando em condições análogas à escravidão. Entre 2003 e 2018 houve o registro de 45.028 casos de produtores resgatados nessa situação. As variadas e graves condições que se impõe aos trabalhadores resultam em *exaustão física e psíquica*, podendo incorrer em esgotamento profissional ou o óbito pelo excesso de trabalho⁴⁷.

Tratando do ramo de frigoríficos de aves, há diversas informações que nos são pertinentes, considerando a vigilância em saúde dos produtores desse setor. Sobre essa indústria, ela apresenta ao menos duas exigências decisivas para a contratação de trabalhadores: disposição e saúde para executar as tarefas repetitivas, desgastantes e insalubres que o processo produtivo requer⁴⁸.

Os trabalhadores operam em ritmo sequencial e elevado, o que implica *lesões vinculadas às repetições (LER) e sobrecarga dos músculos*. Além dessa elevada intensidade, os empregos são oferecidos em troca de baixa remuneração, redução dos tempos mortos, acúmulo de tarefas repetitivas, limitação da interação humana etc. Esse tipo de tarefa é executado muitas vezes em ambientes frios (de no máximo 12 °C), com ruído elevado (rotineiramente acima de 90 dB(A)) e com exposição à humidade e a riscos biológicos (carne, glândulas, vísceras, sangue e fezes)⁴⁹.

As variadas atividades dentro desses frigoríficos têm seu ritmo imposto pela gerência, por vezes implicando impossibilidades de os produtores fazerem suas pausas a que têm direito. Há relatos de volumes consideráveis manuseados por um único trabalhador, como a produção de 17 frangos por minuto, com quatro movimentos para cada frango, o que totaliza 68 movimentos por minuto, 4.080 movimentos por hora e 35.000 por dia⁵⁰.

⁴⁵ Idem, p. 9.

⁴⁶ Idem, p. 10.

⁴⁷ Idem. P. 10.

⁴⁸ OLIVEIRA, Paulo Antonio Barros; MENDES, Jussara Maria Rosa. Processo de trabalho e condições de trabalho em frigoríficos de aves: relato de uma experiência de vigilância em saúde do trabalhador. *Ciência e Saúde Coletiva*, [S. l.], v. 19, n. 12, 2014, p. 4629.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

Junta-se a essa sobrecarga biomecânica a pressão psicológica da gestão do trabalho por meio de metas sobredimensionadas, que levam os produtores a *sobrecargas psicofisiológicas* que se refletem em suas faculdades sensitivas, motoras, psíquicas entre outras⁵¹.

Uma amostra de trabalhadores sob demanda (ou “*just-in-time*”) que é próxima da realidade de muitos brasileiros são os motoristas que trabalham através de plataformas como a Uber. Eles permanecem disponíveis entrando em atividade somente na medida em que atendem à demanda já que, além de assumirem todos os riscos e custos da sua atividade e de sua remuneração variar conforme o número e o preço das corridas, *a espera pela próxima corrida não é paga*⁵².

Além disso, em momento de grande incerteza em termos de ganho para os trabalhadores desse ramo, durante a pandemia de covid-19, *as perdas das receitas pelos produtores aumentaram drasticamente*, precarizando ainda mais a situação dessa população. A queda dos rendimentos auferidos ocorreu, mesmo em se mantendo a mesma carga horária trabalhada, devido ao aumento dos seus custos (como combustível, seguros e aluguel de veículos). Combinado a essa queda, foi evidente a *grande exposição ao risco de contaminação* por aquele patógeno, expressando mais uma dimensão da “independência” do trabalhador junto a plataforma pela qual opera⁵³.

Em adição, a suposta autonomia do “motorista parceiro” é colocada em xeque tendo em vista que, em nosso exemplo, a Uber é quem detém o controle sobre a distribuição do trabalho (corridas), bem como sobre o preço delas. A maioria dos motoristas têm essa atividade como ocupação principal (83,7%), e metade dos respondentes apontaram trabalhar por *onze ou mais horas a cada dia*⁵⁴.

⁵¹ Idem.

⁵² GREGGO, João Pedro; DE LUCCA, Sergio Roberto; AZEVEDO, Valmir; BANDINI, Marcia. Percepção de motoristas de Uber sobre condições de trabalho e saúde no contexto da Covid-19. *Saúde e debate*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 132, 2022, p. 94.

⁵³ Idem, p. 102. Ilustrando o quadro da precariedade vivida pelas populações que trabalham nesse ramo de atividade, a Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios - covid-19, atestou que o índice de trabalhadores com qualquer sintoma relacionado à covid-19 foi *maior* entre motoristas e entregadores do que em outras ocupações. RODRIGUES, Nara Letícia Pedroso Ramos; MOREIRA, Amanda Sorce; LUCCA, Sergio Roberto de. O presente e o futuro do trabalho precarizado dos trabalhadores por aplicativo. *Cad. Saúde Pública*, [S. l.], n. 37, v. 11, 2021, p. 8. Em termos de saúde mental, houve verificação de *maior frequência de emoções negativas na população em geral durante a pandemia*, no entanto, resalte-se que entre os trabalhadores da saúde – em que pese sua essencialidade no controle dessa pandemia – *esse quadro mostrou-se ainda mais crítico*. Fatores como alta demanda de atendimento, turnos exaustivos, falta de equipamentos adequados, risco continuado de adoecimento entre outros, colaboraram para situação piorada desses produtores. GALON, Tanyse; NAVARRO, Vera Lucia; GONÇALVES, Angélica Martins de Souza. Percepções de profissionais de enfermagem sobre suas condições de trabalho e saúde no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, [S. l.], 2022, p. 6.

⁵⁴ Idem, p. 94 e 97.

A “uberização” pode ser tratada como equivalente à precarização do trabalho, pois corresponde a atividade sem direitos trabalhistas e proteção social. Além de configurar trabalho sob demanda, o que também favorece a dinâmica do capital na medida em que diminui os custos com a força de trabalho⁵⁵.

Uma atividade que, ao contrário de motoristas por aplicativo, está mais afastada da vida cidadina, é a exploração de minas. Operação que mostra diversos perigos aos produtores, tais como *a exposição à poeira, o transporte de minerais ao longo da mineração, exposição a riscos elétricos e físicos nas máquinas, riscos térmicos, químicos entre outros*⁵⁶.

Nesse ramo, assim como os demais do atual modo de produção, emerge a reestruturação das companhias tendo em vista a diminuição de custos. Uma das maneiras para o atingimento desse objetivo é a demissão de funcionários contratados diretamente para a admissão de produtores por meio de empresas terceirizadas, *estes recebendo salários mais baixos, mas executando as mesmas tarefas*⁵⁷.

Tendo como objetivo a manutenção de seu emprego/sobrevivência, o trabalhador necessariamente é instado a demonstrar sua capacidade de execução de determinadas tarefas, atendendo as demandas impostas por seus superiores. Essa postura acaba expondo-o a riscos de acidente de trabalho e ao adoecimento⁵⁸.

Embora haja o reconhecimento de riscos devido as condições desgastantes de trabalho, na maioria das situações os produtores se mantêm nesse tipo de atividade unicamente para garantir a sobrevivência e assistência à saúde para seus familiares⁵⁹.

Há muitas evidências, portanto, de efeitos prejudiciais à saúde dos trabalhadores em decorrência de empregos instáveis e das adversidades materiais e psicossociais relacionadas. Dificuldades como conflitos nas hierarquias, participação restrita dos funcionários na tomada de decisão entre outras. *Esse tipo de trabalho se amplia em um ambiente de insegurança decorrente do tipo atual de atividade econômica, que induz a liberalização comercial e financeira*. Esse ambiente, composto por maior precarização do trabalho, é difundido também nas economias centrais, ou seja, trabalhadores das nações consideradas “mais avançadas” também atravessam momentos de grandes dificuldades que se refletem na sua saúde. No entanto, ressalte-se, a prevalência da ocupação dos empregos mais instáveis se dá em meio aos produtores mais desfavorecidos⁶⁰.

⁵⁵ Idem, p. 103.

⁵⁶ MANSANO DE MELLO, Fábio; ALVES NERY, Adriana; DA SILVA ALVES, Murilo. Veios de vida, veias nas minas: notas sobre o processo de trabalho na mineração. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, 2013, p. 103.

⁵⁷ Idem, p. 109.

⁵⁸ Idem, p. 113-114.

⁵⁹ Idem, p. 114.

⁶⁰ INSTITUTE OF HEALTH EQUITY (IHE). *Employment arrangements, work conditions and health inequalities: Report on new evidence on health inequality reduction, produced by Task group 2 for the Strategic review of health inequalities post 2010*. [S. l.], 2010, p. 5-6.

Reino Unido recente e mundo

Em países do centro, como a Inglaterra, há um gradiente social de emprego e condições de trabalho que são hostis à saúde. Pessoas de status socioeconômico mais baixo, ocupam empregos mais precários⁶¹.

Assim como já visto em outros casos anteriormente elencados, também na Inglaterra há práticas de gerenciamento no sentido de redução dos postos de trabalho, e, nesta nação em particular, mas não exclusivamente, elas atingem os setores público e privado⁶².

Igualmente entre os produtores ingleses, *o desemprego impacta significativamente a saúde*. Pois ele está relacionado ao aumento das taxas de depressão, principalmente entre jovens. Há pesquisas sobre populações do Reino Unido as quais mostram riscos elevados de problemas cardiovasculares fatais ou não fatais em comparação com pessoas empregadas permanentemente⁶³.

Quando expostos à instabilidade no emprego, como quando passam por processos de redução de pessoal (“*downsizing*”), há aumento da incidência de problemas como ausência por doença e mortalidade. Como em caso estudado na Finlândia, em que a mortalidade por todas as causas aumentou por volta de 40% entre a população que experimentou um grande *downsizing*⁶⁴.

Mesmo em se argumentando que trabalhos temporários são alternativas “viáveis” durante períodos de recessão/crise econômica, há indicações de que, “*em condições iguais de trabalho, esses tipos de ocupações tendem a se associar a diversos problemas de saúde, como angústia, fadiga, doença hepática, transtornos mentais, estresse etc*”.⁶⁵.

Em nível global, há ainda frequência em termos de riscos físicos por parcela significativa dos trabalhadores. Muitos deles expostos a elevados níveis de movimentos repetitivos, posições cansativas, dolorosas ou desconfortáveis, associados ao levantamento de pesos ou exposição a vibrações. Há maior incidência de riscos físicos para homens, mas mulheres se expõem mais a ameaças de outras naturezas⁶⁶.

Também para parte considerável dos trabalhadores, jornadas de trabalho longas e trabalho complementar em suas casas são frequentes, mesmo considerando uma queda secular das jornadas. É relativamente comum um período de *menos de 11 horas de recuperação* entre dois dias de trabalho. Além disso, mais da metade dos

⁶¹ Idem, p. 6.

⁶² Idem, p. 14.

⁶³ Idem, p. 23.

⁶⁴ Idem, p. 23-24.

⁶⁵ Idem, p. 25.

⁶⁶ EUROFOUND AND INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. *Working conditions in a global perspective*. Luxemburgo e Genebra: Office of the European Union e International Labour Organization, 2019, p. 48.

trabalhadores do planeta trabalha aos sábados e entre um terço e metade dos produtores trabalha aos domingos⁶⁷.

De maneira geral, elevada parcela dos trabalhadores indica estar exposta a riscos físicos no trabalho. Perigos que podem se relacionar ao *desenvolvimento de distúrbios musculoesqueléticos*. Outros tipos de ameaças, como as *psicossociais*, também são relatadas com frequência. Há uma variedade de empregos que demonstram resultados negativos quando considerada sua qualidade, e, em sua maioria, são ocupados por trabalhadores de baixa escolaridade, e mais comumente por mulheres⁶⁸.

Anualmente, estima-se que por volta de um milhão de pessoas cometam suicídio e, embora pensamentos associados a ele e suas tentativas sejam influenciados por variados fatores como traços de personalidade, histórico familiar, abuso de drogas entre outros, *há um relevo quando se observa a ocupação ou situação de emprego e o risco de suicídio*. Há certas atividades com maior taxa de suicídio como entre médicos, enfermeiros e farmacêuticos, mas também entre pessoas desempregadas ou sem emprego de tempo integral⁶⁹.

Questões que envolvem a desigualdade persistente do status socioeconômico e a saúde mental dos trabalhadores precarizados se relacionam ao risco de suicídio. Portanto, *seja considerando desempregados ou trabalhadores de atividades precárias, há entre essa população risco significativamente aumentado para ocorrência dessa tragédia*⁷⁰.

Parte II - Influências mediadas: Funcionamento do capital no ramo alimentício e algumas implicações mais indiretas à saúde dos consumidores

O que os alunos de MBAs da Universidade de Wisconsin aprendem sobre como serem bem-sucedidos no marketing? Descubra o que os consumidores querem comprar e lhes dê o máximo possível. Venda mais, mantenha o emprego! Como os comerciantes muitas vezes traduzem essas ‘regras’ nos alimentos? Nosso sistema límbico ama açúcar, gordura, sal (raros e ricos em energia). Então, formule produtos que ofereçam isso. Você também pode adicionar ingredientes de baixo custo para aumentar a margem de lucro. Depois, aumente o tamanho do produto para vender mais⁷¹.

⁶⁷ Idem. Ressalte-se que, na maioria dos países, as mulheres executam a maior parte do serviço doméstico. Em termos de tempo de trabalho, quando é somando o trabalho remunerado e o não remunerado, *as mulheres trabalham mais horas que os homens*. Idem, p. 49.

⁶⁸ Idem, p. 65.

⁶⁹ MIN, Kyoung-Bok; PARK, Shin-Goo; HWANG, Sang Hee; MIN, Jin-Young. Precarious employment and the risk of suicidal ideation and suicide attempts. *Preventive Medicine*, [S. l.], v. 71, 2015, p. 72.

⁷⁰ Idem, p. 75.

⁷¹ MOSS, Michael. *Sal, açúcar, gordura: como a indústria alimentícia nos fisgou*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. E-book (não paginado), cap. 9.

Muito embora a indústria alimentícia hoje seja apenas mais uma diferenciação de atividade operando dentro do sistema capitalista, voltamos nossa atenção a ela devido aos seus *efeitos indiretos* junto à saúde dos trabalhadores. Ainda que ocorram diversos exemplos de como a dinâmica do capital influencia mais imediatamente o estado mental e físico dos produtores diretos (como alguns apontados na parte I), nesta seção nos deteremos em sua influência mais mediada junto à saúde, *a partir de certas características nutricionais que as mercadorias desse ramo em geral possuem*, pois elas apresentam atributos e limites que são influenciados decisivamente por propriedades do capital.

Discutiremos a respeito da indústria alimentícia dos EUA, mas que, evidentemente, compõe referência para atividades análogas em outras regiões. Mais ao final, além de citarmos algumas questões em nível mundial, também faremos alusão a situações utilizando o caso brasileiro como ilustração. O que, por um lado, reflete a mesma dinâmica de funcionamento das empresas transnacionais e/ou estadunidenses e, por outro, nos explicita condição grave para a saúde dessa população em particular.

Notaremos variadas ferramentas utilizadas bem como situações que as empresas atravessam para aumentar seus rendimentos no setor alimentício. Sobre seus instrumentos, parte considerável das firmas dos EUA se utiliza de uma descoberta a respeito da crise de obesidade pela qual a sua população começou a passar a partir de meados do século XX, a de que *a fome não gera compulsões*. Os seres humanos são levados a se alimentar em certa medida em decorrência de *outros fatores*, desde necessidades emocionais até atributos que envolvem sabor, aroma, aparência e textura⁷².

Eixos da indústria alimentícia dos EUA (e de demais nações capitalistas)

Mesmo tendo sua produção orientada por sabor, conveniência e custo, dentro desse ramo a preocupação pela redução de custos ao mínimo também compõe um dos pilares das estratégias das empresas do setor. Ou seja, se, por um lado, características que se relacionam com os gostos e o orçamento dos consumidores norteiam a produção (também sendo norteados por ela), por outro, é igualmente basilar a recorrente busca por maneira mais barata de se produzir⁷³. Como veremos, em variados momentos e de

⁷² MOSS, Michael. *Sal, açúcar, gordura: como a indústria alimentícia nos fisgou*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. E-book (não paginado), cap. 2. Marx já apontava que se, por um lado, a produção fornece a materialidade para o consumo, ou seja, que ela produz o consumo, por outro, a produção também fornece ao consumo sua finalidade. A mercadoria, no nosso caso o alimento ultraprocessado, deve ser consumida de certa forma, que é mediada, portanto, pela produção. Em seus termos: “*Fome é fome, mas a fome que se sacia com carne cozida, comida com garfo e faca, é uma fome diversa da fome que devora carne crua com mão, unha e dente.* [...]”. MARX, Karl. *Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. E-book (não paginado), introdução.

⁷³ MOSS, Michael. *Sal, açúcar, gordura: como a indústria alimentícia nos fisgou*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. E-book (não paginado), prólogo.

forma estatisticamente significativa, esses eixos guiam o que é produzido/consumido e, por consequência, seus reflexos junto a saúde dos consumidores.

Para entendimento dos principais mecanismos pelos quais a indústria alimentícia se utiliza para melhorar seus rendimentos, destacamos a gordura, o sal e o açúcar. Esses três elementos são controlados de forma extremamente técnica e precisa, de maneira que, estratégica e deliberadamente, eles propiciem um “ponto de êxtase” que se traduz na *máxima satisfação dos consumidores*. De forma explícita, ao tratarmos por exemplo de refrigerantes, é buscado um ponto de “saciedade” tal que promova a *maior renda possível* para determinada empresa⁷⁴.

A partir do significativo avanço tecnológico atual, que se expressa também na engenharia de alimentos, aqueles três ingredientes fundamentais passaram a ter sua estrutura física alterada, de tal sorte a *aumentar sua atratividade*. Como uma mudança no formato das gotículas de gordura que se reflete na alteração de sua taxa de absorção, o que implica variação na “sensação bucal” pelos consumidores. Ou também uma modificação do formato físico do sal, de maneira que ele alcance as papilas gustativas de forma mais rápida e mais intensa, aumentando a “explosão de sabor” do alimento no qual faça parte. Além de mudanças no açúcar, fazendo com que se realce sua doçura, o que pode transformar os alimentos em mercadorias mais convidativas⁷⁵.

Embora parte das razões para que se reconfigurem as estruturas físicas daqueles três elementos seja distorcida sob a alegação de se buscar a redução de seu consumo, o ramo alimentício tem suas mercadorias envoltas no dogma de que qualquer melhoramento no perfil nutricional delas *não pode diminuir sua atratividade*. O que ocorre com frequência, a exemplo da redução da gordura nas formulações, que, ao mesmo tempo, opera em conjunto com o *aumento* da quantidade de açúcar para que os consumidores permaneçam *fissurados* por certa mercadoria⁷⁶.

Há o caso específico do mercado de lanches dos EUA, que não deixa de refletir característica essencial dessa organização socioeconômica, na qual *a pressão pela lucratividade* impele as empresas ao desenvolvimento de mercadorias que *não priorizam aspectos nutritivos, mas sim econômicos*. A partir do momento em que essa parte do ramo alimentício atingiu 90 bilhões de dólares e passou a haver maior pressão por lucros igualmente como nos demais gêneros alimentícios, os fabricantes passaram a desenvolver fórmulas que não só satisfizessem as pessoas, mas também, e principalmente, *aumentassem o desejo pelo consumo daquelas mercadorias*⁷⁷.

Um momento no qual transparecem efeitos da *concorrência entre capitais* é quando, ao final da década de 1940, as três grandes empresas no ramo de cereais dos EUA (Post, Kellogg e General Mills) passaram a adicionar mais açúcar em suas formulações. Embora houvessem nutricionistas dessas empresas que mostraram

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem, cap. 2.

preocupação para a saúde com essa adição, a palavra final se deu a partir do acirramento das disputas entre elas, expresso pelos seus setores de marketing⁷⁸.

A *necessidade recorrente de expansão*, imposta pelo capital, também se manifesta na estratégia de empresas como a Coca-Cola, esta que operava com duas medidas em sua definição de público-alvo: o consumo por habitante (ou a quantia de Coca-Cola que cada pessoa bebia por ano) e a participação de mercado (ou a parcela do consumo global de refrigerantes detida pela empresa). Ou seja, os esforços da firma se concentravam em *aumentar sua parcela de mercado e o seu consumo médio*, isso tendo em mente, evidentemente, o lucro. A título de ilustração, em 1997 cada cidadão dos EUA bebia em média 204 litros de refrigerantes por ano, sendo 45% detido pela Coca-Cola. Esse quadro se desenvolveu a partir de expressivo aumento desde a década de 1970, havendo dobrado o consumo médio desde aquela época. Como entre todo o refrigerante consumido apenas 25% dizia respeito a versões dietéticas, significava assim mais de 151 litros de consumo da bebida açucarada, correspondendo a 60 mil calorias, ou 3,7 mil colheres de chá de açúcar⁷⁹.

Os esforços das empresas de refrigerante se resumiam, assim, em fazer com que mais pessoas bebessem mais com maior frequência⁸⁰. Ou seja, *quanto maior o volume consumido e maior sua frequência, melhor*, lógica que está totalmente de acordo com a necessidade autoexpansiva do capital.

Questões como *se* as pessoas deveriam ingerir tamanha dosagem de refrigerante tornam-se secundárias perante o objetivo do aumento das vendas⁸¹. Destacamos que, mesmo em se discutindo questões alimentares, atitudes contrárias à natureza do capital são consideradas impraticáveis⁸².

Além da atratividade que deve ser preservada nos alimentos, quando os fabricantes estão manipulando as quantidades de gordura, sal e açúcar, eles mantêm em seu horizonte os custos de produção, de maneira a não perderem de vista seus lucros. Uma questão que comparece é *qual o preço possível de se praticar* por uma mercadoria mais saudável⁸³.

Como exemplo da busca sistemática pela redução dos custos produtivos, há os esforços empreendidos pela Oscar Mayer. Essa empresa procurou diminuir suas despesas para aumentar o volume vendido através de alterações feitas seja nas fábricas, seja nas formulações das suas mercadorias. Na produção, houve o emprego de mais avançada tecnologia, de maneira a substituir funcionários por máquinas; nas

⁷⁸ Idem, cap. 4.

⁷⁹ Idem, cap. 5.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Idem.

⁸² ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010. E-book (não paginado), cap. A atitude da burguesia em face do proletariado.

⁸³ MOSS, Michael. *Sal, açúcar, gordura: como a indústria alimentícia nos fisgou*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. E-book (não paginado), cap. 7.

formulações, com mais de 90% de seus produtos tendo sido refeitos, objetivando o uso de ingredientes mais baratos⁸⁴.

Esse processo de barateamento, destaque-se, não decorre devido à decisão privada de executivos da Oscar Mayer ou de qualquer outra companhia em particular, mas sim da *disputa entre capitais* que compõem o sistema (e que envolve a *própria natureza do capital*). Caso certa empresa opte por ofertar alimentos menos “convitativos” (ou com níveis mais razoáveis de açúcar, gordura e sal – que pode refletir nos custos – tendo como referência uma dieta humana balanceada) outras companhias poderão passar a deter maior parcela do mercado, tendo o potencial de até levar a empresa “mais consciente” à falência.

Como apontamos na epígrafe do início desta segunda parte, não é em vão o aprendizado por parte de alunos de MBA em relação a algumas de suas principais lições. É premente o crescente volume de vendas, caso contrário, além de serem demitidos, certo capital (companhia) pode inclusive ser destruído no processo concorrencial. Dessa forma, *as mercadorias desenvolvidas devem ter baixo custo, conter ingredientes os quais nosso organismo é muito receptivo e, além disso, a publicidade precisa estar em compasso com o expansionismo desejado/necessitado*.

Mesmo havendo resistência, seja da sociedade civil, seja do Estado (voltaremos a ele mais adiante), com relação ao uso excessivo de determinados ingredientes nos produtos alimentícios, já existia estratégia que contornava certas críticas e, ao mesmo tempo, atendia aos interesses dos proprietários. Essa estratégia que já era adotada no ramo de bens de consumo era a de *extensão de linha*. No caso dos alimentos, na medida em que as pessoas procuravam por produtos mais saudáveis, estando dispostas a consumirem mercadorias não tão “empolgantes”, as empresas ofereciam outra formulação. Ocorre que essas novas mercadorias não ameaçavam o alcance dos produtos principais (menos saudáveis e de menor custo), pelo contrário, *poderiam até gerar aumento nas vendas destes últimos, na medida em que atraíam novos consumidores para a marca*⁸⁵.

Uma das expressões do avanço tecnológico se reflete no aumento de opções de ingredientes para os alimentos. Como o caso da produção de certos alimentos que carregam elevado nível de sal e que passaram a ter a opção de serem feitos com cloreto de potássio. No entanto, este ingrediente não se adequa muito bem em certas formulações, o que não reduziria o uso do sal em termos do ramo como um todo. Além da questão do sabor, as opções mais saudáveis ao cloreto de sódio como a citada têm *custo maior*, ou seja, novamente *o preço seria um impeditivo* para o acesso a mercadorias menos danosas à saúde⁸⁶.

O Estado e alguns conflitos em seu aparato

Vistas de maneira panorâmica algumas ações de empresas do ramo de alimentos, podemos acentuar algumas características de outra parte desse sistema, o

⁸⁴ Idem, cap. 9.

⁸⁵ Idem, cap. 11.

⁸⁶ Idem, cap. 13.

Estado. Destacando-as a partir do caso concreto do Estado estadunidense, o qual possui um departamento que foi criado com a missão de supervisionar os alimentos que a população daquela região consome, o Departamento de Agricultura, originado ainda na época de Lincoln e que desde sua emergência apresenta em si significativos conflitos de interesse. Em um polo, há preocupações concernentes às questões nutricionais que influenciam a saúde de mais de 300 milhões de habitantes, em outro, há por volta de trezentas empresas que fazem parte de uma indústria de 1 trilhão de dólares, meio pelo qual se geram as mercadorias consumidas⁸⁷.

Um dos ingredientes que expressa mais eloquentemente essa disputa é a gordura saturada. Enquanto ela fundamenta as bases de um ramo de mais de 90 bilhões de dólares, o de lanches como salgadinhos de milho e biscoitos salgados, sendo importante alvo de atenção pela população em geral, no entanto, embora esse ingrediente compareça de forma significativa também em produtos como queijo e carne vermelha, ele consegue se manter em maior discrição graças ao *auxílio* do Estado. Ou seja, mesmo que esses dois tipos de mercadoria (queijo e carne) tenham elevados índices dessa gordura, e que, portanto, devessem ter seu consumo comedido, há o incentivo a terem *aumentado* seu consumo justamente pelo Departamento⁸⁸.

Ainda com enfoque neste Departamento há um setor, o Centro para a Política e a Promoção da Nutrição, o qual procura fomentar a nutrição da população. Ocorre que sua capacidade é relativamente *muito menor* do que o restante do Departamento, já que, enquanto todo o Departamento possui um orçamento anual de 146 bilhões de dólares, esse Centro detém 6,5 milhões de dólares (0,0045% dos gastos totais) para promoção da saúde. Ou seja, embora possa haver um esforço legítimo por parte de servidores daquele Departamento para que a saúde da população dos EUA seja colocada em primeiro plano no que tange ao tipo de alimento lhes é ofertado, essa discrepância orçamentária revela a posição majoritária do Estado nesse embate⁸⁹.

Um resultado significativo foi publicado por Comitê deste Centro em 2010, a respeito da gordura saturada (usada então amplamente na indústria alimentícia). Foi descrita sua associação com *doenças cardíacas*. Ela sendo a principal causa de colesterol elevado na corrente sanguínea, o que implica ataques cardíacos e derrames. Em consequência de seu vasto uso, ela se torna fator fundamental no lucro da indústria farmacêutica. Um reflexo da abundância desse ingrediente na dieta da maioria dos estadunidenses é que por volta de 32 milhões de pessoas fazem uso de medicamentos para redução do colesterol⁹⁰. Além desse problema, há relações da gordura saturada

⁸⁷ Idem, cap. 10.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Devido aos objetivos e limitações do presente texto, não desenvolveremos questões relacionadas ao ramo farmacêutico. Entretanto, nos parece claro que poderia ser compreendido como existindo um efeito de, digamos, terceiro nível se considerarmos os reflexos não desejados sobre a saúde dos trabalhadores em sentido mais imediato, mais proximamente relacionado à acumulação, como sendo de um nível primário e o que estamos tratando na parte II deste trabalho como influências mais mediadas, de, então, um segundo nível. Terceiro, pois, entre os fármacos

com diabetes tipo 2 e pré-diabetes. Como se o quadro apresentado já não fosse aterrador o suficiente, há dados alarmantes sobre as crianças daquele país, dentre as quais algumas muito obesas, também estavam desenvolvendo diabetes tipo 2, sendo diagnosticados 3,6 mil novos casos a cada ano⁹¹.

Processo concorrencial e a epidemia de obesidade

Ainda tratando de crianças, foi verificado que as pertencentes à faixa etária entre um e três anos ingeriam mais gordura saturada do que qualquer outra faixa, mais de 12% de seu consumo calórico total. Elas eram seguidas por crianças mais velhas, com 11,5% e depois por adultos, por volta de 11%⁹².

Resumidamente, a partir de incentivos mercadológicos ou, dadas características fundamentais do mercado como concorrência, desenvolvimento técnico e busca por redução de custos, *o ramo alimentício projeta e oferece mercadorias para estimular a compulsão, pois esse tipo de artigo é viável economicamente*⁹³.

Sal, açúcar e gordura fazem parte dos alimentos ultraprocessados, e a questão principal enfrentada pelas empresas é *determinar as quantidades de cada um desses elementos de maneira a gerar a maior atratividade*. Ou seja, o que comparece em primeiro plano é a disputa concorrencial e expansão, somente após considerações relacionadas a elas é que se pode tratar de algo associado à saúde dos consumidores⁹⁴.

Um dos impulsionadores para a epidemia de obesidade dos EUA pode ser a transferência de recursos investidos de empresas de ramos já consolidados (como o alimentício) para o ramo da tecnologia e outros setores de perspectiva de retornos mais rápidos na década de 1980. Essa disputa entre capitais implicou maior necessidade de aumento dos lucros das firmas alimentícias. A partir disso, as mercadorias passaram a ter porções maiores, serem disponibilizadas em variados lugares além de se criar um ambiente no qual é aceitável se passar o dia consumindo mais e em diferentes locais⁹⁵.

Hoje é mais custoso comer alimentos mais saudáveis e frescos, o que decorre que, também através desse prisma, a obesidade se relaciona com atributos econômicos. Estratos mais baixos da sociedade têm acesso a alimentos não tão saudáveis, revelando mais uma das variadas e graves desigualdades que progride na sociedade atual⁹⁶.

Alguns dos resultados de décadas da evolução capitalista da indústria alimentícia se refletiram em *mais da metade dos adultos dos EUA sendo considerada acima do peso*, e por volta de 40 milhões de adultos (quase um quarto da população)

utilizados – a partir dos problemas gerados por alimentação inadequada – há resultados desejáveis e *possíveis efeitos colaterais* sobre o corpo dos consumidores.

⁹¹ MOSS, Michael. *Sal, açúcar, gordura*: op. Cit, cap. 10.

⁹² Idem.

⁹³ Idem, epílogo.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Idem.

podendo ser definidos como obesos. Em 1999, mais de 12 milhões de crianças eram classificadas obesas⁹⁷.

Além e conjuntamente com a obesidade, devido a dieta média corrente prevalente nos EUA, há danos específicos relacionados, como diabetes, doenças cardíacas, hipertensão, artrose e até câncer (de mama, de cólon e colo do útero)⁹⁸. Há crescentes evidências que associam uma *maior ingestão de alimentos ultraprocessados ao aumento de chances de obesidade*. O acúmulo de gordura aparece como estando relacionado a esse tipo de alimentação seja em adultos seja em adolescentes⁹⁹.

Adicionando mais um atributo negativo que acomete pessoas com sobrepeso ou obesas, é a *maior taxa de mortalidade quando indivíduos com esse perfil são acometidos por infecção provocada pela covid-19*¹⁰⁰. Completando situação deletéria para a saúde populacional vinculado à recente pandemia, ocorreu aumento do consumo de alimentos processados nesse período, a exemplo de estudo feito em Mumbai, que constatou preferência por alimentos que exigissem menor tempo de preparo¹⁰¹.

Ao mesmo tempo em que os executivos das empresas do ramo alimentício defendem suas mercadorias argumentando que nos é permitido termos rotinas rápidas

⁹⁷ Idem, prólogo.

⁹⁸ Idem. O consumo excessivo de carne, além de contribuir para o aumento de doenças não transmissíveis, a partir dessa dieta dominante (principalmente nos países centrais, que possuem substantiva classe média) que tem como principal objetivo o *lucro* de grandes transnacionais que controlam toda a cadeia produtiva, há efeitos sobre o clima global, como gases de efeito estufa gerados a partir da produção de mercadorias de origem animal. TREWERN, Joanna; CHENOWETH, Jonathan; CHRISTIE, Ian. “Does it change the nature of food and capitalism?” Exploring expert perspectives on public policies for a transition to ‘less and better’ meat and dairy. *Environmental Science and Policy*, [S. l.], v. 128, 2022, p. 110-111. Estudos nos EUA, Brasil, Chile, México, Colômbia, França, Reino Unido, Austrália e Canadá, apontam para a relação entre *aumento* da participação alimentar de alimentos ultraprocessados e a *menor* qualidade nutricional. Uma menor qualidade na dieta, por sua vez, se associa a efeitos adversos na saúde como, por exemplo, maior risco de mortalidade total, obesidade, hipertensão etc. LIU, Junxiu; STEELE, Eurídice Martinez; LI, Yan; KARAGEORGOU, Dimitra; MICHA, Renata; MONTEIRO, Carlos A.; MOZAFFARIAN, Dariush. Consumption of Ultraprocessed Foods and Diet Quality Among U.S. Children and Adults. *American Journal of Preventive Medicine*, [S. l.], v. 62, n. 2, 2022, p. 261.

⁹⁹ NERI, Daniela; MARTÍNEZ-STEEL, Eurídice; KHANDPUR, Neha; LEVY, Renata. Associations Between Ultra-processed Foods Consumption and Indicators of Adiposity in US Adolescents: Cross-Sectional Analysis of the 2011-2016 National Health and Nutrition Examination Survey. *Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics*, [S. l.], v. 122, n. 8, 2022, p. 1475 e 1484.

¹⁰⁰ DUNFORD, Elizabeth K.; POPKIN, Barry; NG, Shu Wen. Junk Food Intake Among Adults in the United States. *The Journal of Nutrition*, [S. l.], v. 152, n. 2, 2022, p. 492.

¹⁰¹ GANPULE, Anjali; DUBEY, Manisha; PANDEY, Himanshi; VENKATESHMURTHY, Nikhil Srinivasapura; GREEN, Rosemary; BROWN, Kerry Ann; MADDURY, Avinav Prasad; KHATKAR, Rajesh; JARHYAN, Prashant; PRABHAKARAN, Dorairaj; MOHAN, Sailesh. Snacking Behavior and Association with Metabolic Risk Factors in Adults from North and South India. *The Journal of Nutrition*, [S. l.], v. 153, n. 2, 2023, p. 6.

e ocupadas, pois estaríamos “livres do fogão”, elementos como sal, açúcar e a gordura detêm a importância de serem armas na disputa concorrencial. *Determinada empresa é mais vencedora na medida em que consegue tornar mais consumidores dependentes de suas mercadorias*¹⁰².

Seja nos EUA, ou em qualquer outra nação na qual a economia seja preponderantemente guiada pelo capital, as indústrias procurarão primária e fundamentalmente aumentar seus lucros. Dessa maneira, ações que são contrárias a esse precípuo objetivo podem levar a um menor crescimento econômico¹⁰³, ou, no caso de um capital singular, à sua destruição.

Tópicos do caso brasileiro: indústria, Estado e alguns reflexos extremos

Em se tratando de Brasil, no contexto de nossa Constituição de 1988, há a possibilidade de ação conjunta entre governo e empresas para o crescimento econômico. Ocorre que, no que tange à indústria de alimentos, pode haver significativo conflito de interesses quando se busca a garantia da saúde da população (lembramos de conflitos análogos nos EUA). Por parte da indústria, há argumentos que evocam a “liberdade de expressão”, “liberdade individual” e a “liberdade de escolha”, no entanto, eles são utilizados *desconsiderando* evidências a respeito do poder de persuasão do marketing, além da maior palatabilidade das mercadorias que pode até desencadear vício alimentar e descontrole do apetite¹⁰⁴.

Em termos mais explícitos, considerando que ao longo desta parte do trabalho apontamos para variadas consequências de uma alimentação baseada em ultraprocessados, temos que o consumo desse tipo de alimento no Brasil implicou aproximadamente *57 mil mortes em 2019, correspondendo a 10,5% de todas as mortes prematuras e a 21,8% de todas as mortes evitáveis por doenças crônicas não transmissíveis em adultos de 30 a 69 anos*¹⁰⁵. Ou seja, a dinâmica que guia toda estrutura produtiva no sentido de alimentos que sejam sobretudo baratos e que gerem compulsão, também, mais indiretamente, implica parcela de mortes prematuras e evitáveis entre brasileiras e brasileiros.

¹⁰² MOSS, Michael. Op. Cit. Prólogo.

¹⁰³ CAIVANO, Simone; LOPES, Renata Fagundes; SAWAYA, Ana Lydia; DOMENE, Semíramis Martins Álvares; MARTINS, Paula Andrea. Conflitos de interesses nas estratégias da indústria alimentícia para aumento do consumo de alimentos ultraprocessados e os efeitos sobre a saúde da população brasileira. *DEMETRA*, [S. l.], v. 12, n. 2, 2017, p. 353. Nos perguntamos se não seria desejável, caso as mediações sociais permitissem, que *efetivamente* os esforços humanos, aqui no que tange à produção de alimentos, se utilizassem de todo o avanço técnico para obter a melhor (em termos nutricionais) e mais abrangente (sob o ponto de vista da população humana global) produção alimentar possível? Talvez um primeiro passo nessa direção seja negar o tipo de produção que não priorize a saúde dos consumidores.

¹⁰⁴ Idem, p. 355.

¹⁰⁵ NILSON, Eduardo A.F.; FERRARI, Gerson; LOUZADA, Maria Laura C.; LEVY, Renata B.; MONTEIRO, Carlos A.; REZENDE, Leandro F.M. Premature Deaths Attributable to the Consumption of Ultraprocessed Foods in Brazil. *American Journal of Preventive Medicine*, [S. l.], v. 64, n. 1, 2023, p. 132.

Considerações finais

Desde o brevíssimo resgate histórico feito sobre a gênese e a evolução da classe trabalhadora, percebemos variadas situações nas quais a saúde dos produtores diretos é colocada em segundo plano frente à dinâmica econômica. Na organização socioeconômica presidida pelo capital é a natureza dessa categoria que precisa estar à frente, independentemente do contexto ou até de considerações de caráter sanitário.

Ao observarmos situações nas quais essa dinâmica – mais imediatamente relacionada ao processo de acumulação – influencia a saúde dos trabalhadores, aparece mais explicitamente *relação hierárquica para o funcionamento adequado do capital como estando acima das condições para manutenção da saúde humana*. Desde as residências feitas para serem moradia de proletários, de pouca durabilidade, construídas em locais de pior habitabilidade, passando por níveis salariais baixos, instabilidade no emprego e culminando na falta dele, as operações dessa natureza nos variados ramos implicam prejuízo para a saúde dos produtores como sofrimento psicológico e depressão.

Atividades como motoristas por aplicativo, mineiros ou cortadores de cana têm em comum a instabilidade, os baixos salários e pressões psíquicas e fisiológicas sofridas pelos trabalhadores. Além das ocupações em si poderem levar a uma piora da saúde as de movimentos repetitivos provocam lesões e sobrecarga dos músculos, parada cardiorrespiratória, infarto e AVC para as operações de jornada exaustiva; a falta delas, principalmente por longos períodos, pode conduzir a tormento psíquico e até ao suicídio.

Ou seja, desde a coerção existente ao longo do processo de trabalho (submetendo os trabalhadores a variadas situações insalubres), até a tendência ao excedente relativo de força de trabalho, *ambos indo ao encontro da natureza do capital*, implicam piora da sua saúde dos produtores.

Essa piora sanitária foi *acentuada* no período da pandemia de covid-19, seja por queda nos rendimentos, seja por maior exposição ao risco de contaminação pelo patógeno, o que atingiu sobremaneira atividades mais precarizadas como motoristas por aplicativo.

De maneira mais indireta ao processo de acumulação, essa dinâmica também exerce significativas influências sobre os corpos que compõem a classe dos proletários, aquelas que decorrem dos *alimentos consumidos*, das mercadorias produzidas através de setor que opera necessariamente em compasso com o capital, já que é categoria que guia suas ações e atravessa seus processos de forma imprescindível.

Um dos atributos dessa categoria se reflete no desenvolvimento tecnológico desse ramo, evolução que se exprime nesse setor de forma mais inequívoca a partir de meados do século XX. Com essa evolução, variadas mudanças nos alimentos foram (e continuam sendo) feitas tendo como meta precípua *a maior quantidade vendida/consumida no menor tempo possível*. Ou seja, a questão nutricional é colocada em segundo plano frente ao objetivo do aumento dos rendimentos das companhias alimentícias.

Uma das consequências dessa postura da indústria de alimentos é a obesidade e suas variadas implicações junto aos consumidores, como no caso dos EUA. Não coincidentemente é neste país onde esse ramo se desenvolve de forma muito exuberante e sob o aspecto da acumulação figura como exemplar ao restante das regiões do globo.

O aumento do desejo pelos alimentos é régua fundamental para que determinada firma prospere nesse setor. Ambiente que, devido ao processo concorrencial, impele que todas as empresas procurem aumentar sistemática e recorrentemente sua produção sob pena da destruição de seu capital.

Indo ao encontro dos objetivos dessa indústria, *foi significativo o aumento do consumo das mercadorias desse ramo durante a última pandemia*. O que, portanto, colaborou para, no mínimo, manter a situação nutricionalmente precária de parcela significativa da população.

De maneira então mediada a partir da acumulação, a maioria da população acessa alimentos com características que elevam sua deseabilidade em detrimento de aspectos nutricionais. Em se tratando de alimentos ultraprocessados, são documentadas variadas complicações que decorrem de seu consumo crônico, tais como obesidade, diabetes, doenças cardíacas, hipertensão, artrose e até alguns tipos de câncer.

Portanto, seja mais diretamente ligado ao processo de acumulação (como em termos das *condições de trabalho*), seja mais indiretamente relacionado a ele (como os *efeitos de mercadorias ofertadas pelo ramo alimentício*, em particular os ultraprocessados), a dinâmica que preside essas atividades afeta negativamente a saúde dos produtores diretos, quadro agravado durante a recente pandemia.

Artigo recebido em 12.3.2023

Aprovado em 9.6.2023